

# PROSPECÇÃO SISTEMÁTICA NO PLANALTO DA FREITA (AVEIRO/VEISEU)

## I. MONUMENTOS MEGALÍTICOS E DE TRADIÇÃO MEGALÍTICA — PRIMEIROS RESULTADOS\*

por

António Manuel S. P. Silva \*\*

### RESUMO

Apresentam-se os resultados da 1ª fase de um projecto de prospecção arqueológica nas superfícies culminantes da Serra da Freita (Arouca/Vale de Cambra). O número de monumentos funerários «sob *tumulus*» (já que poucos serão efectivamente megalíticos) conhecidos passou, assim, de 3 para 16, embora não tenha sido detectada qualquer estação de *habitat* ou de outro tipo não sepulcral.

### ABSTRACT

This article presents the first results of a systematic archaeological field survey in the highest plateaux of «Serra da Freita» (Arouca/Vale de Cambra, Aveiro). The number of burial mounds (some of which contain megalithic chambers) previously known in the area raised from 3 to 16, although no settlement has been found so far.

### INTRODUÇÃO

O megalitismo da região de Arouca começou a ser estudado nos anos 50, altura em que D. Domingos de Pinho Brandão efectuou uma série de curtas escavações em diversos monumentos da freguesia de Escariz. Todavia, os resultados dessas campanhas ficaram quase na totalidade inéditos, tendo vindo a público apenas uma breve notícia num periódico local (Brandão, 1957). Parte

---

\* Trabalho realizado no âmbito do Mestrado de Arqueologia da Fac. de Letras da Universidade do Porto. Os nossos agradecimentos ao Prof. Doutor Vítor O. Jorge, de cujas sugestões e análise crítica muito beneficiámos na revisão do texto inicial deste trabalho.

\*\* Centro de Arqueologia de Arouca. Ap. 39. 4540 AROUCA

do espólio exumado nesses trabalhos pioneiros foi recentemente estudado por V. O. Jorge (1987), mas permanecem grandes dificuldades para acertar a proveniência exacta dos artefactos, dado o método muito pessoal de registo do falecido bispo.

A partir de 1983, Fernando A.P. Silva iniciou um projecto de estudo sistemático do megalitismo da área, no âmbito do qual foram já escavados 9 monumentos funerários<sup>1</sup>, encontrando-se em curso de escavação a Mamoá da Portela da Anta (Silva, F.A.P., 1986b e 1990). Com os trabalhos de prospecção que desde então vêm sendo desenvolvidos conhecem-se presentemente no concelho de Arouca cerca de uma centena de monumentos megalíticos, metade dos quais na freguesia de Escariz, núcleo de momento melhor estudado.

Na Serra da Freita, cuja área se distribui maioritariamente pelo concelho de Arouca (mas também pelos de Vale de Cambra e S. Pedro do Sul) só se conhecia tradicionalmente o dólmen da Portela da Anta, referido já por Amorim Girão (1921) e por Georg e Vera Leisner (1956), que inclusivamente publicaram um esboço planimétrico da mamoá (*idem*, tafel 33 e 49). Nos últimos anos localizaram-se mais dois pequenos monumentos (Cando e Monte Calvo 1), sendo portanto apenas três os *tumuli* conhecidos na Freita à data de início do presente programa de prospecção.

Desta forma, a imagem da serra no respeitante a vestígios pré-históricos era até há pouco tempo a de uma grande pobreza de monumentos megalíticos (Silva, F.A.P. 1990), contrastando com a abundância destas sepulturas nas áreas vizinhas. Importava portanto verificar se era correcta esta impressão ou se, pelo contrário, se podia explicar pela falta de trabalhos de prospecção sistemática o desconhecimento de outros *tumuli*.

Por outro lado, os planaltos da Freita parecem constituir como que uma zona de transição entre dois «megalitismos» de contornos em muitos aspectos distintos: o de Escariz, sugerindo tratar-se no geral de um núcleo de grande antiguidade (Silva, A. M. 1990), com monumentos normalmente constituídos por câmaras simples, verificando-se a ocorrência de arte parietal e aparentes especificidades ao nível do mobiliário sepulcral, como a escassez de machados polidos e pontas de seta, em contraposição à frequência de geométricos (incluindo um número bastante representativo de segmentos) e à elevada ocorrência de contas discóidais em xisto; e o «núcleo» beirão ocidental, de megálitos aparentemente de maior monumentalidade. Infelizmente, estão praticamente por estudar os monumentos dos concelhos ocidentais do distrito de Viseu, especialmente Castro Daire e S. Pedro do Sul, apesar de existirem bastantes sepulcros, mesmo nos patamares intermédios a sul da Freita, como acontece na área do Juncal/Bostarenga, em Manhouce (Girão, 1921). O

---

<sup>1</sup> V. bibliografia final.

grande dolmen de corredor da Portela da Anta, em pleno coração da Freita, parece precisamente distanciar-se um pouco do «núcleo de Arouca», aproximando-se mais da tipologia de muitos monumentos beirões ou de alguns da Serra do Arestal, a Sudoeste.

Desta maneira, um projecto de prospecção sistemática nas áreas culminantes da Serra da Freita como o que iniciámos pode contribuir de modo significativo para uma investigação acerca das características da expressão megalítica numa zona importante como essa de transição entre a Beira Alta e o Douro e Beira Litorais.

## QUADRO ADMINISTRATIVO E NATURAL

A área em que temos vindo a efectuar o nosso programa de prospecção situa-se administrativamente, na sua maior parte, no concelho de Arouca (freguesias de Albergaria da Serra e Cabreiros), pertencendo parte das encostas a sul à freguesia de Rôge (Vale de Cambra) e alongando-se ainda o planalto e as encostas a S. e SE. pelas freguesias de Arões (Vale de Cambra) e Manhouce (São Pedro do Sul), dividindo por aqui o distrito de Aveiro com o de Viseu.

Esta região integra-se, do ponto de vista das grandes unidades morfo-estruturais peninsulares, na orla ocidental do «maciço antigo». Os relevos do Montemuro, da Gralheira e, em parte, do Caramulo, constituem precisamente as plataformas de erosão que marcam o contacto do bloco hespérico com a orla mesocenozóica de abrasão litoral (Est. I). Numa outra perspectiva, mais centrada no noroeste ibérico, essas superfícies de aplanamento periféricas representadas pelo conjunto Gralheira-Montemuro, de orientação geral NO-SE-NE, definem o bordo meridional do que Choffat (1907) classificou como «sistema galaico-duriense».

Foi Amorim Girão quem propôs a designação *Maciço da Gralheira* para «as complicadas formas de relevo que limitam ao N. a bacia hidrográfica do Vouga» (1922: 23), uniformizando assim sob um corónimo comum um conjunto de alturas localmente referidas como S. Macário, Arada, Freita, Arestal, etc. A região tem sido objecto de estudos geográficos recentes, em especial, na zona que particularmente nos interessa, ao nível da geomorfologia e tectónica, quer no contexto regional (Ferreira, 1978), quer num plano mais monográfico com os trabalhos de Rochette Cordeiro (1985, 1986a-c, 1988).

A Serra da Freita ocupa o sector mais ocidental do maciço da Gralheira (Est. I e II). Trata-se essencialmente de um «bloco peneplanáltico central de altitudes bastante homogéneas» (Moura, s/d), constituído principalmente por uma vasta área de aplanamento pontuada por relevos residuais acima dos 1000 m de altitude, nomeadamente S. Pedro-o-Velho (1077 m), Radar (1084), Detrelo da Malhada

(1099), Malhada (1102), Videiro (1097), Serlei (1092), etc. (Ests. II e IV).

Do ponto de vista litológico (Est. III, fig. 2) o planalto da Freita é basicamente composto pelo soco metassedimentar dos «Xistos das Beiras», integrando especialmente xistos argilosos, grauvacóides e quartzitos cinzentos, atravessado por uma ampla intrusão magmática de granitos de tendência alcalina, de duas micas, geralmente de grão médio (Pereira *et al.*, 1980). A norte, a curva de nível dos 800 m atinge ainda parte da mancha dos quartzodioritos biotíticos do designado «Maciço de Arouca». Numerosos filões de quartzo e esparsos diques de microgranitos alcalinos completam o quadro geológico da área.

A cobertura natural da zona culminante, acima dos 900 m, está praticamente despida do estrato arbóreo, confirmando a expressão de Pinho Leal em meados do século passado, segundo o qual a Freita apenas produzia «pouco e enfezado mato rasteiro do meio para cima» (1874: 230). As florestações de meados do presente século implementaram essências como as do pinheiro bravo (*pinus pinaster*) e selvagem (*p. sylvestris*) em áreas limitadas, restando ainda pequenas populações de carvalhos (*quercus robur*), videiros (*betula pubescens*) e outras espécies. No geral, todavia, verifica-se uma vegetação arbustiva em que domina largamente a carqueja (*Chamaespartium tridentatum* L., P. Gibbs) associando-se especialmente aos urzais (*Erica* spp. e *Calluna vulgaris* L.) em terrenos mais xistosos, ou preferentemente ao tojo (com *Ulex* spp.) se em áreas graníticas (Moura, s/d). No essencial podemos dizer que esta tríade arbustiva (carqueja-urze-tojo) domina praticamente todo o espaço não rochoso, interrompida por algumas manchas de giestal (*sarothamnus scoparius* e *spartium junceum*, L.) ou dando lugar ao estrato herbáceo nas zonas de lameiro.

Naturalmente, importaria analisar se esta paisagem actual tem alguma correspondência com a de épocas pré-históricas. Não dispomos de estudos paleoclimáticos, polínicos ou outros que nos permitam aferi-lo, mas é possível que também a Freita tenha sido objecto da «dénudation ancienne» (Ribeiro, 1970) que afectou outras montanhas e planaltos beirões, conforme foi comprovado para a Serra da Estrela, em cujos andares superiores a floresta montana natural ter-se-á conservado até à Baixa Idade Média (Romariz, 1950; Van den Brink/Janssen, 1985).

## A PROSPECÇÃO

A primeira fase de prospecção decorreu entre Março e Setembro de 1990, período durante o qual efectuámos 16 saídas de campo, totalizando 62 horas de prospecção no terreno. Na Est. III – 1 assinalam-se as áreas já prospectadas, que cobrem principalmente o sector ocidental do planalto.

Adoptámos como metodologia no terreno a efectuação de percursos a pé, usando como principais pontos de referência, por serem os mais simples, caminhos, cursos de água, marcos geodésicos, linhas de corrente eléctrica, etc. Normalmente, o «scanning» de cada área foi feito por meio de percursos paralelos ou em «zig-zag», cada um a distâncias máximas de 30-50 metros do anterior, de modo que toda a área fosse percorrida e visualizada. Sempre que possível visitámos cada área mais que uma vez e os percursos foram estreitados nas zonas florestadas, mais pedregosas ou de vegetação rasteira particularmente densa.

Em princípio, fixámos a curva de nível dos 800 m como limite inferior da área de prospecção. Todavia, uma vez que nos interessa particularmente a zona sub-planáltica, os percursos obedeceram preferentemente a factores topográficos que altimétricos.

As Estampas III, 1 e II apresentam a área prospectada e os *tumuli* referenciados até ao momento.

## ALGUMAS NOTAS AO INVENTÁRIO DOS *TUMULI* (ANEXO)

Atendendo ao pequeno número de monumentos escavados e dado que o projecto de prospecção está ainda em curso, podendo vir a ser localizados outros *tumuli*, adiamos por agora uma análise mais aprofundada da natureza dos sepulcros ou da estratégia da sua implantação topográfica. O que se segue constitui, portanto, pouco mais que um breve comentário às 16 fichas de estação que adiante anexamos.

### a) «Megalitismo» e «tradições megalíticas»

O facto de só terem sido objecto de escavação arqueológica até ao momento 2 dos 16 monumentos da Freita (a Portela da Anta e a pequena mamoa de Cando) obriga-nos a considerar os *tumuli* praticamente apenas em função das suas dimensões visíveis, o que naturalmente não garante grande segurança a quaisquer interpretações que se façam.

Seja como for, a Portela da Anta (Est. VII, fig. 1) é até ao presente o único monumento de arquitectura megalítica confirmada em toda a zona ocidental do planalto. É possível que alguns dos *tumuli* maiores que referenciamos possam preservar ainda vestígios de câmaras simples megalíticas (Barraca 2, Cumeeira 1, Devesa 1, Detrelo 1, Laceyras) ou mesmo até com corredor (Devesa 2?), mas a maior parte das mamoas não apresenta dimensões aparentemente compatíveis com estruturas megalíticas, o que se comprovou recentemente com a escavação de Cando, uma das

mamoas mais pequenas do conjunto, que se revelou um *tumulus* muito baixo com um espaço funerário central reduzido e de estruturação indefinida, não fornecendo qualquer espólio<sup>2</sup>.

Alguns dos outros monumentos sugerem assemelhar-se a este último, constituindo aparentemente a Mamoa do Braceiro (Est. VIII, fig. 2) um *tumulus* que poderia ter contido uma sepultura cistóide rodeada por um pequeno anel de blocos, estrutura provavelmente tardia em que a visibilidade e «maculação da paisagem» próprias do megalitismo são elementos já quase inexistentes.

Embora seja muito relativo o rigor da medição dos eixos dos *tumuli* ou o cálculo do seu desnível em relação ao terreno circundante, tarefas que a própria vegetação por vezes quase que impossibilita, não deixa de ser curiosa a proporção verificada entre aqueles descritores.

No Quadro 1 agrupamos os 16 monumentos por ordem de grandeza dos *tumuli*<sup>3</sup>, evidenciando-se claramente uma relação directa entre os diâmetros ou

### QUADRO 1

Relação entre o comprimento dos eixos e a altura visível dos tumuli

MONUMENTOS	EIXOS (m)		ALTURA APROX. TUMULUS		
	N-S	E-O	até 0,5m	0,5-1m	+ 1m
16 Portela da Anta	32	35			●
12 Devesa 2	14	17,5			●
05 Cumeceira 1	15,5	15			●
15 Monte Calvo 2	9,5	10,5		●	
07 Detrelo 1	10	9,5		●	
11 Devesa 1	9	9,5			●
13 Ladeiras	8,5	9		●	
02 Barraca 2	7	10		●	
14 Monte Calvo 1	8	9		●	
06 Cumeceira 2	7,5	7,5		●	
09 Detrelo 3	7	7		●	
08 Detrelo 2	6	7	●		
01 Barraca 1	6,5	6	●		
10 Detrelo 4	6,5	6	●		
04 Cando	5	6	●		
03 Braceiro	4	3	●		

<sup>2</sup> Informação pessoal de Fernando A. P. Silva, que agradecemos.

<sup>3</sup> As medidas dos eixos ou diâmetros foram arredondadas em intervalos de 0,5m. O desnível das mamoas foi considerado em três grandes intervalos: até 0,5 m; entre 0,5 e 1 m; superior a 1 metro.

eixos dos *tumuli* e o seu desnível topográfico. A aparente excepção da Devesa 1 pode resultar de um erro de medição, dada a compacta vegetação que cobre o monumento e a área da sua implantação. É também possível atribuir-se a revolvimentos superficiais e destruições várias a irregularidade dos eixos de alguns *tumuli*, como acontece com a Devesa 2 e a Barraca 2.

À medida que a escavação de outros monumentos prossiga poder-se-á ir coligindo elementos para dar resposta à questão fundamental de saber se é cultural ou cronológica a razão de ser desta clara variabilidade morfológica, se bem que a própria localização dos monumentos, como adiante se verá, pareça apontar para a segunda daquelas possibilidades.

Na realidade, um conjunto funerário como o da Portela (Est. VII, fig. 1) destaca-se pela sua singularidade em relação aos restantes 15 *tumuli* já detectados; e só alguns quilómetros para SE., já nos patamares altimétricos inferiores do Juncal (Manhouce) vamos encontrar pelo menos um monumento de grandes dimensões e plenamente «megalítico» (Girão, 1921).

## b) A distribuição dos *tumuli*

Ocupam terrenos de xisto a maioria dos monumentos do planalto (Est. III, fig.2). Apenas a Barraca 2, a Portela da Anta e a possível «cista» do Braceiro, situados na mancha granítica do planalto de Albergaria, apresentam esta rocha como elemento arquitectónico dominante. Porém, alguns *tumuli* situam-se em zonas de contacto geológico, parecendo associar o xisto e o granito (além do quartzo, omnipresente) às suas estruturas, como sucede especialmente com os dois monumentos do núcleo de Monte Calvo.

No que respeita à implantação topográfica verifica-se uma certa variedade de situações. Grande parte dos monumentos ocupa zonas situadas em amplas chãs planálticas ou rechãs a cotas semelhantes ou pouco inferiores, escolhendo frequentemente o rebordo da curva de nível como aparente meio de ganhar monumentalidade e visibilidade, como é o caso dos monumentos 1 e 3 do Detrelo e Laceiras (Ests. IV, 2 e V). Mas também ocorrem por vezes *tumuli* de cumeada, como os da Barraca 2 e da Cumeeira 1 (Est. VI), localizados em ligeiros pendentes (Braceiro) ou ao fundo de encostas pouco pronunciadas como o da Barraca 1 (Est. VI).

É particularmente interessante a implantação da Portela da Anta, numa zona peneplanáltica levemente deprimida a cotas na ordem dos 1000/1025 m (Ests. IV e VI) constituindo ampla bacia colectora granítica de onde irradiam em disposição estrelada numerosas linhas de água (Ribeiro *et al.*, 1943), especialmente para SO., ligando-se na maior parte dos casos ao Caima, que assim tem aí a sua origem (Est. II).

Ora, a Portela parece constituir um caso exemplar de um processo de *necropolização* (a confirmar-se a existência de várias estruturas sepulcrais, que em alguns pontos da grande mamoa são relativamente evidentes) e por certo também de *monumentalização* (Jorge, 1986), já que os trabalhos de escavação em curso (Silva, F.A.P. 1986b; 1990) têm vindo a revelar estruturas que necessariamente não terão obedecido a um único plano arquitectónico inicial (átrio, «antenas», círculo lítico a O.), especialmente num monumento de diacronia bastante ampla (*idem*, 1990). Assim, perante um monumento deste tipo e o seu relativo isolamento e centralidade, não pode deixar de colocar-se a hipótese de ter sido a Portela um verdadeiro «polo fulcral» (*ibidem*) do planalto, constituindo a grande necrópole da Freita entre os finais do IV e o dealbar do II milénio a.C.

O exame da carta de implantação dos monumentos (Est. II) confirma um pouco esta imagem. Mesmo tendo em vista que o levantamento está longe de concluído e que grande parte do planalto, especialmente a NE. e a E. está por prospectar, não deixa de ser sugestiva a implantação claramente *marginal*, nos bordos do planalto, da quase totalidade dos *tumuli*. Tanto mais que o monumento mais «central», além da Portela, é a pequeníssima mamoa do Braceiro (Est. VIII, 2), possivelmente uma sepultura bastante tardia, como já alvitramos. E até os *tumuli* maiores (cfr. Quadro 1), como Devesa 2 ou Cumeeira 1, são praticamente os mais distantes da Portela, «empurrados» para cotas inferiores e patamares periféricos.

Não temos ainda suficientes elementos para analisar uma eventual dicotomia isolamento/nuclearização na implantação dos 16 *tumuli*. Se está nitidamente isolada a Portela, a estratégia de localização dos restantes não é muito clara para já. No inventário pré-definimos como «monumento isolado» todo aquele que não tem qualquer outro num raio de aproximadamente 100 metros. Logo, poderíamos utilizar uma terminologia convencional considerando «núcleos» os agrupamentos de *tumuli* a menos de 100 m entre si; e designando como «conjuntos» os situados a distâncias relativamente maiores mas que mesmo assim parecem participar dum mesmo contexto geo-topográfico.

Deste modo, regressando ao mapa de implantação (Est. II), teríamos então:

#### NÚCLEOS

- Devesa 1 e 2
- Monte Calvo 1 e 2
- Detrelo 3 e 4

#### CONJUNTOS

- Detrelo 1, 2, 3, 4
- Monte Calvo 1, 2 e Laceiras
- Cumeeira 1 e 2 (?)
- Barraca 1 e 2 (?)

Saliente-se a circunstância alguns núcleos integrarem conjuntos mais amplos e o caso particular dos monumentos 1 e 2 da Devesa, a escassos 5 m um do outro, constituindo o núcleo de maior contiguidade entre os *tumuli*.

Resta destacar que 9 destes monumentos estão situados a cotas que atingem ou ultrapassam os 1000 m; e só dois, os do núcleo da Devesa, se situam a altitude inferior aos 850 m.

### c) Balanço da 1ª fase de prospecção

Sintetizando os principais resultados desta fase inicial do programa de prospecção, podemos concluir o seguinte:

- a) O número de monumentos do planalto é bastante maior do que inicialmente se pensava. A primeira fase de prospecção quintuplicou os *tumuli* conhecidos e é bem possível que outros existam, especialmente nas zonas NE. e E. da serra, bem como em degraus altimétricos inferiores;
- b) Não se localizou até ao momento qualquer povoado ou outra estação de *habitat*. Este facto permite colocar várias hipóteses, como a da sua situação em áreas mais baixas, de encosta; ou então a da existência de *habitats* relativamente pequenos e dispersos, eventualmente destruídos pela intensa erosão das superfícies culminantes;
- c) A provável ocorrência de sepulturas de distinta cronologia e morfologias diversas (exemplificadas na Portela da Anta, em grandes mamoas como Cumeeira 1, pequenos *tumuli* ou ainda eventuais «cistas» como a do Braceiro), abre boas perspectivas de investigação para o «megalitismo» da Freita, sem dúvida diferente do que aquele que se verifica em regiões vizinhas como Escariz, até ao momento o conjunto megalítico melhor estudado da região.

Por tudo isto entendemos que podem ser considerados satisfatórios os primeiros resultados desta acção de prospecção. A continuação dos trabalhos reveste-se assim plena de virtualidades, quer do ponto de vista da descoberta de outros *tumuli*, quer como ensaio metodológico de um programa de prospecção arqueológica sistemática.

Porto, Janeiro 1991

## ANEXO

## INVENTÁRIO DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS

## Ordenação

A cada monumento foi dado um número de ordem cujo significado é apenas o de facilitar a cartografia geral. A ordenação foi feita de modo alfabético a partir da designação toponímica das sepulturas.

## Descritores

1. Nº de ordem.
2. Designação.
3. Coordenadas geográficas (Universal Transversal de Mercator – UTM) a partir da CMP 1:25000 – Nº 155 – Arouca).
4. Lugar.
5. Freguesia.
6. Concelho.
7. Altitude absoluta (a partir da carta indicada em 3.).
8. Acesso (indicações práticas).
9. Implantação topográfica.
10. Descrição do local de implantação (geologia, vegetação, aspecto do terreno, etc.).
11. Enquadramento arqueológico (concretamente existência ou não de mais *tumuli* num raio de sensivelmente 100 m).
12. Descrição da mamoa.
  - a) altura máxima.
  - b) eixos ortogonais (N-S e E-O).
  - c) revestimento vegetal.
  - d) evidência ou não de couraça; matéria-prima.
  - e) conservação/violação.
13. Estruturas visíveis da câmara/corredor e matéria-prima.
14. Referências/Bibliografia.
15. Observações.

## 01

## MAMOA 1 DA BARRACA

3. 29TNF584257.
4. Barraca/Venda Nova.
5. Urrô.
6. Arouca.
7. 910 m.
8. No lugarejo da Barraca/Venda Nova tomar o caminho que segue para o alto da Malfadada. Encontra-se o monumento, a SO. c. de 250 m mais acima.
9. Zona levemente aplanada, ao fundo de um pequeno pendente orientado para SSO.
10. Zona de escorrimento pluvial, sobre uma linha de água não permanente; área revestida a carqueja e urze, com abundantes calhaus de quartzo à superfície.
11. Monumento isolado.

12. a) Não excede 50 cm.
  - b) 6,5 x 6 m.
  - c) carqueja e urze.
  - d) a couraça é ainda visível, se bem que bastante destruída; composta essencialmente por material miúdo (blocos pequenos de granito, xisto e quartzo).
  - e) O *tumulus* acha-se bastante aplanado, especialmente nos sectores S e SO, sendo visível com alguma dificuldade. Talvez por isso, a violação, a existir, é pouco evidente.
13. Nenhumas.
14. Inédito.

## 02

### MAMOA 2 DA BARRACA

3. 29TNF584254.
4. Cavada Rosa, Barraca/Venda Nova.
5. Urrô.
6. Arouca.
7. 930 m.
8. Subindo pela canada que da Barraca leva à Malfadada, encontra-se o monumento num morro a NE., sobre a Sra. da Laje.
9. No topo de um cabeço arredondado.
10. Muitos afloramentos graníticos e de quartzo; terreno de matos, revestido essencialmente por carqueja, com alguns fetos.
11. Monumento isolado.
12. a) Entre 50 e 100 cm.
  - b) 7 x 10 m.
  - c) carqueja.
  - d) couraça claramente visível, com abundantes blocos de granito e um ou outro fragmento de quartzo.
  - e) a eventual violação não é evidente.
13. Nenhumas.
14. Inédito.
15. O monumento é, em parte, sobreposto por um muro de divisória de terrenos. O facto de se encontrar numa área de afloramentos graníticos e a aparente irregularidade da mamoa, alongada no sentido E-O, levanta algumas dúvidas quanto ao tipo de estrutura sepulcral que pode encerrar. Encontra-se numa posição de grande visibilidade, especialmente para NE.

## 03

### MAMOA DO BRACEIRO

3. 29TNF616252.
4. Entre o Braceiro e as Pardinhas, junto a um cercado, no caminho a E. de S. Pedro-o-Velho que segue para o Cabeço do Salgueirô.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1010 m.
8. Na estrada que segue dos viveiros do Merujal para o Radar desviar por um caminho em S. Pedro-o-Velho, em direcção ao Salgueirô.
9. Sobre uma zona deprimida e de ligeiro pendente.
10. Revestimento vegetal de urze e carqueja, afloramentos graníticos nas proximidades.
11. Monumento isolado.

12. a) Menos de 50 cm.
- b) 4 x 3 m.
- c) Urze e carqueja.
- d) A couraça é pouco nítida, mas existe um anel de blocos de granito relativamente grandes que parece delimitar o *tumulus*. Blocos de granito e quartzo à superfície.
- e) Violação central pouco profunda mas visível.
13. Nenhumas.
14. Inédito.
15. O pequeno monumento só se destaca no terreno visto de Este, sendo facilmente confundido com qualquer afloramento se visto doutras direcções.

## 04

### MAMOA DE CANDO

3. 29TNF661249.
4. Cando.
5. Cabreiros.
6. Arouca.
7. 990 m.
8. Na estrada para Cabreiros, c. de 100 m para O. do marco geodésico de Cando.
9. Numa chã ampla, no bordo do quadrante NE. do planalto da Freita.
10. Afloramentos de xisto nas proximidades, revestimento de carqueja e urze, basicamente.
11. Monumento isolado.
12. a) Menos de 50 cm.
- b) 5 x 6 m.
- c) Urze, carqueja.
- d) Couraça claramente visível, com blocos de xisto e quartzo.
- e) Violação central evidente.
13. Nenhumas.
14. Era um dos poucos monumentos já referenciados antes do actual projecto de prospecção.
15. O monumento foi objecto de escavação arqueológica em 1990, sob a responsabilidade de Fernando P. Silva e Sérgio Lira, do Centro de Arqueologia de Arouca. Revelou uma couraça bem conservada, mas sem que na área central se encontrasse qualquer estrutura além de um ligeiro afundamento. Não forneceu qualquer espólio<sup>4</sup>.

## 05

### MAMOA 1 DA CUMEEIRA

3. 29TNF573259.
4. Cumeeira.
5. Urrô (Rôge ?).
6. Arouca (V. Cambra ?).
7. 880 m.
8. Segue-se pelo caminho que a partir da Venda Nova passa sensivelmente a SO. da Malfadada. A Cumeeira é um monte destacado na paisagem e o monumento encontra-se no topo.
9. Numa pequena área aplanada no topo de um cabeço.
10. Vegetação densa e abundante de tojo, carqueja e urze, pontuada por afloramentos xistosos. A cerca de 100 m para O. há florestação recente (pode vir a afectar o monumento?).
11. Monumento isolado.

<sup>4</sup> Inf. pessoal daqueles investigadores, que agradecemos.

12. a) Mais de 100 cm.  
b) 15,5 x 15 m.  
c) Abundante carqueja, tojo e urze.  
d) Couraça visível em vários pontos, predominando os blocos de xisto.  
e) Claramente visível uma profunda violação central e uma outra marginal, a NO.
13. Nenhumas.
14. Inédito.
15. O monumento destaca-se claramente, sendo também muito extensa a área de visibilidade obtida a partir do ponto da sua implantação.

## 06

### MAMOA 2 DA CUMEEIRA

3. 29TNF578261.
4. Zona plana na base da Cumeeira.
5. Urrô.
6. Arouca.
7. 850 m.
8. Segue-se pelo caminho que a partir da Venda Nova passa sensivelmente a SO. da Malfadada. O monumento localiza-se a cerca de meio percurso entre a Malfadada e a Cumeeira, do lado Sul do caminho, que em parte parece cortar o monumento.
9. Numa pequena chã.
10. Abundante cobertura de tojo, carqueja e urze, que inclusivamente quase impede a percepção do monumento; pinheiral jovem nas imediações; pequenos afloramentos de xisto.
11. Monumento isolado.
12. a) Entre 50 e 100 cm.  
b) 7,5 x 7,5 m.  
c) Especialmente tojo, mas também carqueja e urze.  
d) Couraça pouco visível pela densidade da vegetação rasteira.  
e) Pouco perceptível pelas mesmas razões de d).
13. Nenhumas.
14. Inédito.

## 07

### MAMOA 1 DO DETRELO

3. 29TNF628265.
4. Detrelo da Malhada.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1090 m.
8. Seguindo pela estrada para Cabreiros, a partir do Radar, encontra-se a Norte o vértice geodésico do Detrelo da Malhada. O monumento fica a c. de 50 m da estrada e a c. de 200 m para OSO. da torre.
9. No rebordo norte de uma ampla chã.
10. Zona florestada com pinheiros, sendo a vegetação arbórea pouco densa. Bastante vegetação herbácea e arbustiva, com relevo para a carqueja e a urze; afloramentos de xisto.
11. Monumento isolado.
12. a) Entre 50 e 100 cm.  
b) 10 x 9,5 m.  
c) Potentes tufos de carqueja e urze e alguns pinheiros (pequenos) sobre os bordos do

*tumulus.*

d) Couraça visível em alguns pontos, referenciando-se blocos de xisto e quartzo.

e) Violação central bastante larga e profunda. Aparentes revolvimentos noutros pontos do *tumulus.*

13. Nenhumas.

14. Inédito.

## 08

### MAMOA 2 DO DETRELO

3. 29TNF625263.

4. Zona do Detrelo da Malhada.

5. Albergaria da Serra.

6. Arouca.

7. 1086 m.

8. A c. de 1 km. do Radar, na estrada para Cabreiros, antes de chegar à torre do Detrelo. O monumento fica do lado Sul da Estrada, junto a uma linha de postes de corrente eléctrica.

9. Na ampla chã que desce suavemente do Detrelo para Albergaria, com grande visibilidade, especialmente para S. e O.

10. Terreno com abundante cobertura de urze e carqueja; afloramentos de xisto.

11. Monumento isolado.

12. a) Não parece exceder os 50 cm.

b) 6 x 7 m.

c) Carqueja e urze em grande abundância.

d) Couraça pouco visível, notando-se todavia alguns blocos de xisto e quartzo.

e) Violação central nítida.

13. Nenhumas.

14. Inédito.

## 09

### MAMOA 3 DO DETRELO

3. 29TNF622265.

4. Entre o Radar e o Detrelo da Malhada.

5. Albergaria da Serra.

6. Arouca.

7. 1070 m.

8. No ponto em que a estrada do Radar se bifurca para Arouca e Cabreiros, seguir no sentido desta última povoação. A cerca de 100 m, do lado Norte da estrada, atalhar por um cortafogo que leva praticamente ao monumento.

9. A mamoa situa-se no rebordo NE. duma pequena rechã com ligeiro pendente, o que, apesar do *tumulus* não ser dos maiores, lhe confere uma certa monumentalidade.

10. Zona florestada essencialmente com pinheiro bravo. Vegetação herbácea e arbustiva, especialmente de carqueja e urze; afloramentos de xisto nas proximidades.

11. Um pequeno monumento (Detrelo 4) a cerca de 100 m para SO.

12. a) Aparentemente entre 50 e 100 cm.

b) 7 x 7 m.

c) Carqueja e urze.

d) Couraça bem visível com grandes blocos de xisto e alguns de quartzo.

e) Clara violação central; aparentemente também alguns revolvimentos mais marginais.

13. Nenhumas.

14. Inédito.
15. Do monumento possui-se ampla visibilidade, dominando todo o sector O. do vale de Arouca.

## 10 MAMOA 4 DO DETRELO

3. 29TNF621264.
4. Zona entre o Radar e o Detrelo.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1080 m.
8. Na bifurcação de estradas S. Pedro-Arouca-Cabreiros seguir por esta última. O monumento encontra-se a c. de 100 m, do lado Norte da estrada, junto a um corta-fogo, entre pinheiros.
9. Numa chã.
10. Zona florestada com pinheiros. Vegetação rasteira de urze e carqueja. Afloramentos de xisto nas imediações (mas apenas a c. de 50 m).
11. Um outro monumento (Detrelo 3, a c. de 100 m para NE).
12. a) *Tumulus* quase imperceptível, relevando-se quando muito c. de 30-40 cm.  
b) 6,5 x 6 m (?)  
c) Carqueja pouco densa; especialmente urze.  
d) Não se vê couraça, apenas alguns blocos de xisto de pequenas e médias dimensões à superfície.  
e) Muito ligeira depressão central.
13. Nenhumas.
14. Inédito.
15. Tivemos algumas dúvidas quanto à consideração deste monumento, tendo decidido integrá-lo no inventário somente após várias visitas e observação a diversas distâncias e de distintos ângulos. Na realidade, a mamoa está extremamente destruída e quase terreprenada. Certamente, o monumento foi destruído por efeito da florestação dos anos 50, dispersando-se as pedras da couraça (se a tinha), o que acentuou o efeito da erosão, já que a área é batida por fortes ventos de S. e SO. O pequeno monumento suporta ainda cerca de uma dezena de pinheiros, o que terá acelerado a sua destruição.

## 11 MAMOA 1 DA DEVESA

3. 29TNF577242.
4. Rocha (Devesa).
5. Rôge.
6. Vale de Cambra.
7. 770 m.
8. Na zona da Sra. da Laje segue-se por um caminho que passa a SE. da Barraca e leva à Carvalhada, Fuste e povoações vizinhas. O monumento encontra-se numa pequena rechã a seguir ao marco geodésico da Devesa dentro de pastos murados.
9. Rechã.
10. Frequentes afloramentos de quartzo e especialmente de xisto. Vegetação abundante de carqueja e urze.
11. Encontra-se um outro monumento (Devesa 2) apenas a 5 metros.
12. a) Ultrapassa os 100 cm (?)  
b) 9 x 9,5 m.

- c) Potente massa arbustiva de carqueja e urze, o que pode ter «inflacionado» o desnível que anotamos em a).
  - d) Couraça visível com blocos de xisto e quartzo de várias dimensões.
  - e) Violação central pouco (?) pronunciada.
13. Nenhumas, se bem que algumas pedras que afloram a superfície possam corresponder ao topo de lajes (?).
14. Inédito.
15. O monumento encontra-se numa área de grande dominância visual.

## 12

### MAMOA 2 DA DEVESA

- 3. 29TNF577242.
- 4. Rocha (Devesa).
- 5. Rôge.
- 6. Vale de Cambra.
- 7. 770 m.
- 8. Na zona da Sra. da Laje segue-se por um caminho que passa a SE. da Barraca e leva à Carvalheda, Fuste e povoações vizinhas. O monumento encontra-se numa pequena rechã a seguir ao marco geodésico da Devesa dentro de pastos murados.
- 9. Numa rechã.
- 10. Afloramentos de xisto e filões superficiais de quartzo. Abundante vegetação de carqueja e urze.
- 11. Um outro monumento (Devesa 1) apenas a 5 metros.
- 12. a) Certamente ultrapassará os 100 cm.
  - b) 14 x 17,5 m.
  - c) Especialmente carqueja, mas também silvados e um pinheiro ainda pequeno.
  - d) Couraça visível com blocos de xisto e quartzo.
  - e) Aparentemente existem várias violações e revolvimentos bastante alongados.
- 13. Nenhumas, embora algumas pedras aflorando o terreno possam indiciar o topo de lajes, sem que a sua posição ou orientação dentro do *tumulus* nos permita ir mais além do que esta constatação.
- 14. Inédito.
- 15. O monumento é sobreposto por dois muros divisórios perpendiculares (N-S e E-O) e uma trilha que cortou um pouco da franja N. do *tumulus*. A circunstância de o mato se encontrar cortado no quadrante SO. aquando de uma das nossas visitas, permitiu-nos a melhor observação da mamoa, em relação à qual se destaca o nítido alongamento (monumento de corredor?).

## 13

### MAMOA DE LACEIRAS DO CÔVO

- 3. 29TNF621223
- 4. Riba de Laceiras do Côvo
- 5. Albergaria da Serra (Arões?)
- 6. Arouca (Vale de Cambra?)
- 7. 1013 m.
- 8. Na estrada que de Cabaços se bifurca para Vale de Cambra e S. Pedro do Sul segue-se no primeiro daqueles sentidos. O monumento situa-se do lado Este da estrada, a c. de 200 m e perto duma pequena capela.
- 9. No rebordo duma chã, no ponto em que o terreno adquire algum pendente.

10. Afloramentos de xisto e quartzo. Cobertura arbustiva de carqueja.
11. Monumento isolado.
12. a) Entre 50 e 100 cm.  
b) 8,5 x 9 m.  
c) Carqueja.  
d) Couraça bem visível constituída por blocos de xisto e quartzo de médias dimensões.  
e) Violação central larga mas pouco profunda.
13. Nenhumas.
14. Inédito.

## 14

### MAMOA 1 DE MONTE CALVO

3. 29TNF619227
4. Monte Calvo.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1000 m.
8. Visível do lado SO. da estrada que segue de Albergaria para V. Cambra/Manhouce, um pouco adiante do estradão para a Portela.
9. Numa chã.
10. Vegetação predominante de carqueja. O monumento encontra-se numa área de xistos mas em zona de contacto do substracto litológico, pelo que, especialmente a NE., os afloramentos graníticos estão próximos.
11. Existe um monomente (monte Calvo 2) a menos de 100 m.
12. a) Entre 50 e 100 cm.  
b) 8 x 9 m.  
c) Carqueja pouco abundante.  
d) Couraça bem visível, bastante compacta, com blocos de granito e quartzo.  
e) Violação central pouco pronunciada.
13. Nenhumas. A superfície, tombado, um bloco alongado de xisto parece constituir parte de um esteio (?).
14. Inédito. Localizado por F. A. Pereira da Silva e A. M. Silva em 1988.

## 15

### MAMOA 2 DE MONTE CALVO

3. 29TNF619226
4. Monte Calvo/Laceiras.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1000 m.
8. Junto ao encontro de estradas que seguem para Vale de Cambra, Manhouce e Albergaria, visível da estrada.
9. Numa chã.
10. Vegetação essencial de carqueja; afloramentos de xisto.
11. Um monumento (Monte Calvo 1) a menos de 100 m.
12. a) Entre 50 e 100 cm.  
b) 9,5 x 10,5 m.  
c) Carqueja e alguma urze.

- d) Couraça visível mas muito dispersa. Blocos especialmente de granito mas também de xisto.
  - e) Violação central não muito pronunciada.
13. Nenhumas.
  14. Inédito.
  15. O *tumulus*, de apreciável diâmetro, apresenta-se aparentemente bastante abatido, destacando-se pouco do terreno circundante.

## 16

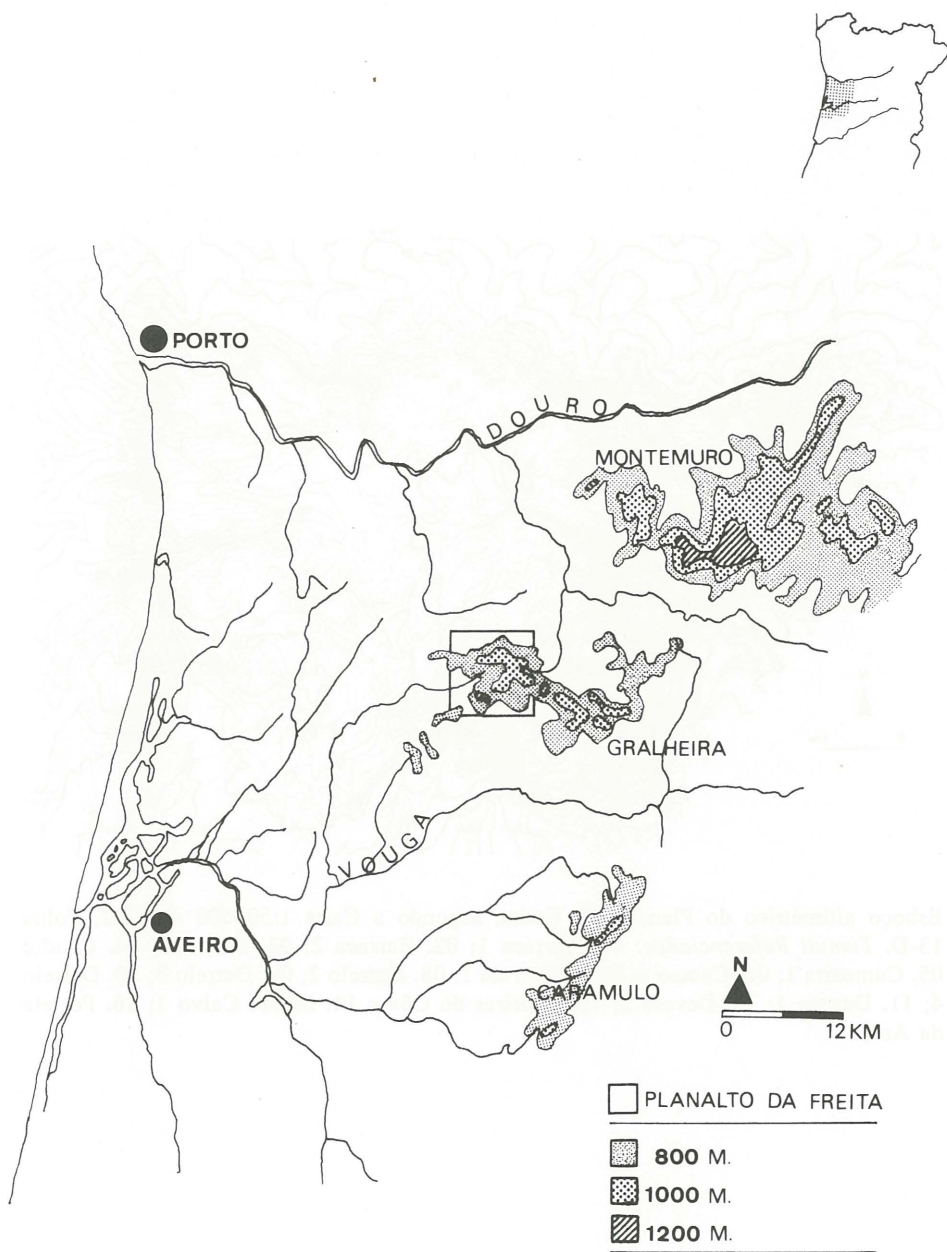
### MAMOA DA PORTELA DA ANTA

3. 29TNF629235.
4. Portela da Anta. Os Leisner (1956) referem-na no Junqueiro, microtopónimo que corresponde a uma área próxima mas um pouco mais para NO.
5. Albergaria da Serra.
6. Arouca.
7. 1020 m.
8. Na estrada que segue de Albergaria para a Castanheira volta-se para Norte num estradão um pouco adiante de Cabaços. Algumas centenas de metros adiante uma árvore isolada e um pontão de pedra, rústico, marcam o ponto onde se deve voltar a Nascente, encontrando-se a mamoa não muito longe.
9. Numa área sub-planáltica muito levemente deprimida.
10. Afloramentos quartzíticos e de granito; vegetação de carqueja e herbáceas; abundantes linhas de água que chegam a produzir lameiros sazonais não longe do monumento.
11. Monumento isolado.
12. a) Mais de 100 cm.  
b) 32 x 35 m.  
c) Carqueja.  
d) Robusta couraça constituída essencialmente por blocos de granito.  
e) O dolmen encontra-se restaurado de acordo com os elementos preservados. Várias violações na grande mamoa parecem corresponder a outras estruturas funerárias (Silva, F.A.P., 1990).
13. Além do dolmen de corredor, o monumento parece possuir, na mesma mamoa, duas possíveis câmaras simples e uma eventual estrutura cistóide (Silva, F., 1990). Adossado ao *tumulus*, a O., distingue-se claramente um anel lítico de funcionalidade desconhecida.
14. Referências de passagem em Amorim Girão (1921: 68) e Georg e Vera Leisner, que publicaram um esboço de planta (1956, tabel 33 e 49). Também V. O. Jorge se lhe refere (1982: 474). Modernamente, o monumento tem sido intervencionado por Fernando A. Pereira da Silva (1986b e 1990).

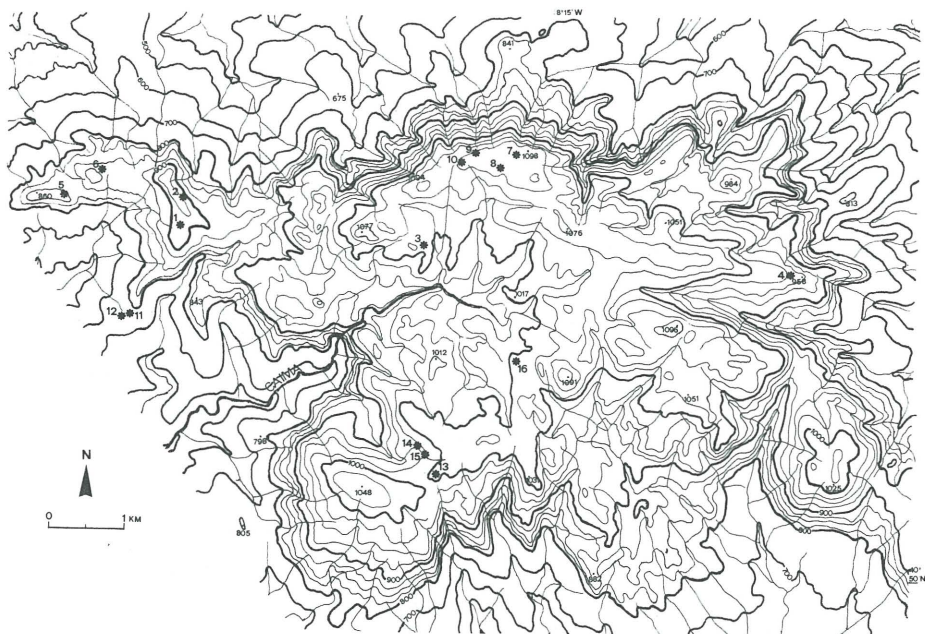
## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Domingos de Pinho (1957), «O fenómeno megalítico em terras do concelho de Arouca», *Defesa de Arouca*, 2ª série, 102, Arouca.
- CHOFFAT, Paul (1907), *Notícia sobre a Carta Hypsometrica de Portugal*, Lisboa.
- FERREIRA, António de Brum (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa.
- GIRÃO, Aristides de Amorim (1921), *Antiguidades pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal*, Coimbra.
- Idem*, (1922), *Bacia do Vouga. Estudo geográfico*, Coimbra.
- JORGE, Vítor Oliveira (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal. O distrito do Porto: os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, diss. dout., policop., Porto.
- Idem*, (1986), «Monumentalização e necropolização no megalitismo europeu», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXVI (1-4), Porto.
- Idem*, (1987), «Materiais provenientes de dólmenes de Escariz, Arouca (escavações de Domingos de Pinho Brandão)», *Cadernos de Arqueologia*, série II, 4, Braga.
- LEAL, Augusto Pinho (1874), *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, Lisboa.
- LEISNER, Georg e Vera (1956), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. 1. Lieferung, Berlin.
- MOURA, Armando Reis (s/d), *Património Natural e Cultural da Serra da Freita*, Arouca, s/d (1988).
- PEREIRA, Eurico, L. Severo Gonçalves e A. Moreira (1980), *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 13-D — Oliveira de Azeméis*, Lisboa.
- RIBEIRO, Orlando (1970), «Genèse et diversité des montagnes portugaises» in *Argumenta Geographica Festschrift C. Troll, Colloquium Geographicum*, 12, Bonn.
- Idem*, com J. Pinto de Almeida e Amílcar Patrício (1943), *Nota preliminar sobre a morfologia do Maciço da Gralheira*, sep. «Boletim da Sociedade Geológica de Portugal», III, fasc. 1, Porto.
- ROCHETTE CORDEIRO, A. M. (1985), «Formas e formações crio-nivais na Serra da Freita», in *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, I, Lisboa.
- Idem*, (1986a), *Evolução de Vertentes na Serra da Freita*, policop., Coimbra.
- Idem*, (1986b), «Análise de declives em estudo de pormenor» in *Actas IV Colóquio Ibérico de Geografia*, Coimbra.
- Idem*, (1986c), «Nota preliminar sobre formas e formações periglaciares na Serra da Freita», *Cadernos de Geografia*, 5, Coimbra.
- Idem*, (1988), «A Evolução das Vertentes da Serra da Freita no Quaternário Recente», *Cadernos de Geografia*, 7, Coimbra.
- ROMARIZ, Carlos (1950), *Contribuição da análise polínica no estudo da vegetação primitiva da Serra da Estrela* (sep. «XVI. Congrès International de Géographie», Lisbonne, 1949), Lisboa.
- SILVA, António Manuel S. P. (1990), «As Beiras» in VV.AA., *Inventários sepulcrais*

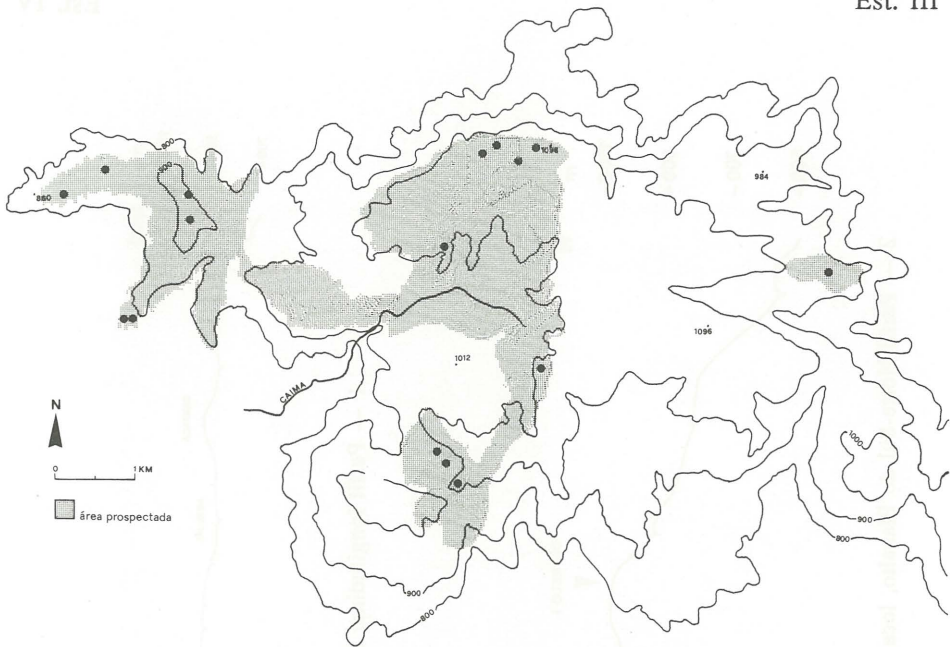
- do III Milénio a.C. — Contributo para a contextualização da morte na pré-história recente de Portugal*, policop., Porto.
- SILVA, Fernando A. Pereira (1986a), «Monumentos megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26, Porto.
- Idem*, (1986b), «Dolmen 1 da Mamoa da Portela da Anta — Serra da Freita», 1985 — *Informação Arqueológica*, 7, Lisboa.
- Idem*, (1987a), «Características do megalitismo na freguesia de Escariz (Concelho de Arouca), in *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*, Arouca.
- Idem*, (1987b), «Escavação da Mamoa 2 da Alviada (Alviada) — Escariz, Arouca — 1984», *Arqueologia*, 15, Porto.
- Idem*, (1988), «A Mamoa 4 da Alviada — Escariz, Arouca», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Porto.
- Idem*, (1989a), «Mamoa 1 do Calvário, Escariz — Arouca», *Arqueologia*, 19, Porto.
- Idem*, (1989b), «Escavação da Mamoa 4 de Alagoas — Escariz, Arouca», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 30, Porto.
- Idem*, (1989c), «O megalitismo da Bacia do Arda (concelho de Arouca) e o seu relacionamento com o meio físico: contribuição para o estabelecimento de um modelo explicativo locacional», in *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu.
- Idem*, (1990), *O Dolmen 1 da Mamoa da Portela da Anta, Albergaria da Serra (Arouca): estudo preliminar*, (Comunicação ao II Colóquio Arqueológico de Viseu, 1990), em vias de publicação.
- VAN DEN BRINK, L. M. e C. R. Janssen (1985), «The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal», *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, Amsterdam.



Localização do Planalto da Freita na região do Entre-Douro e Vouga.



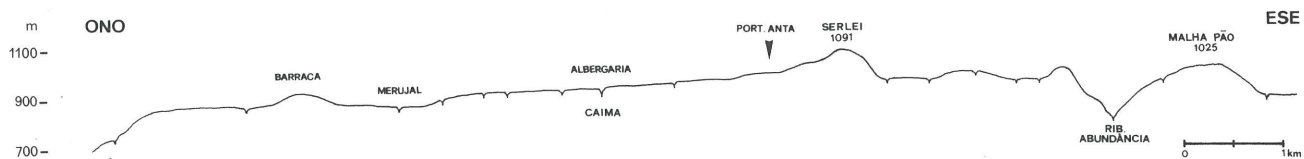
Esboço altimétrico do Planalto da Freita, segundo a Carta 1:50 000 do IGC, Folha 13-D. *Tumuli Referenciados*: 01. Barraca 1; 02. Barraca 2; 03. Braceiro; 04. Cando; 05. Cumeeira 1; 06. Cumeeira 2; 07. Detrelo 1; 08. Detrelo 2; 09. Detrelo 3; 10. Detrelo 4; 11. Devesa 1; 12. Devesa 2; 13. Laceiras do Côvo; 14. Monte Calvo 1; 16. Portela da Anta.



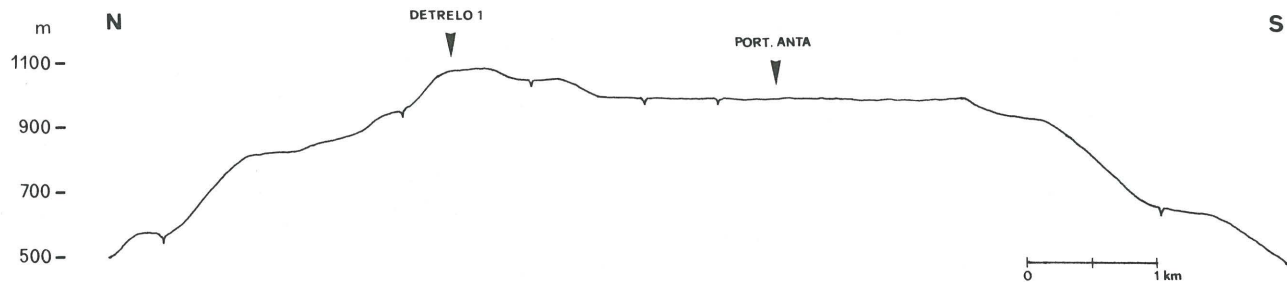
1 — Área prospectada até Setembro de 1990



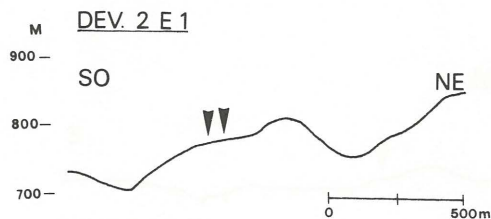
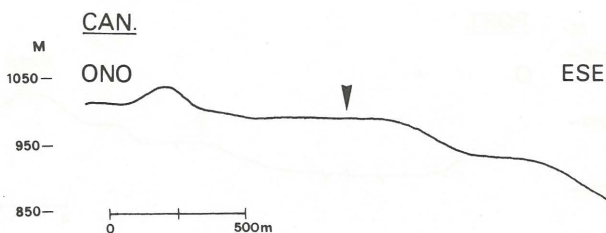
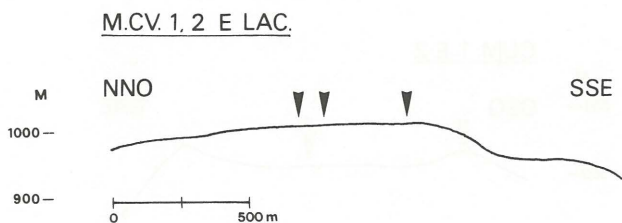
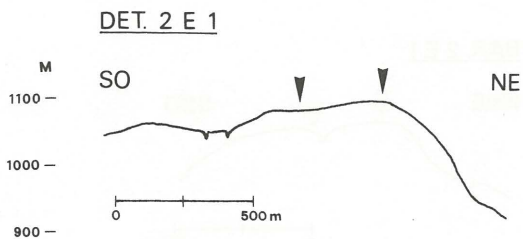
2 — Esboço litológico do planalto (seg. Pereira *et al.*, 1980). Legenda: A — xisto argilosos, grauvacóides e quartzitos cinzentos; B — quartzodiorito biotítico; C — granitos de tendência alcalina, com duas micas, de grão médio; D — *Idem*, de grão fino; E — microgranitos alcalinos; F — filões de quartzo.



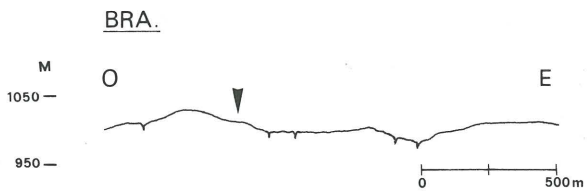
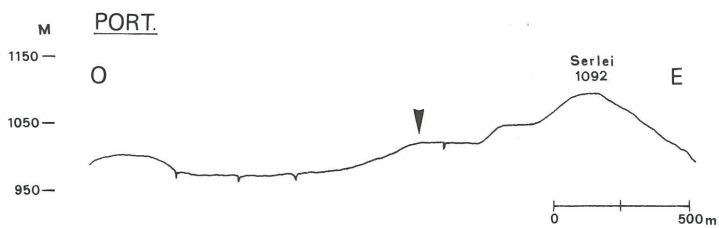
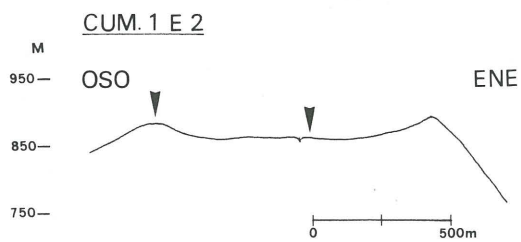
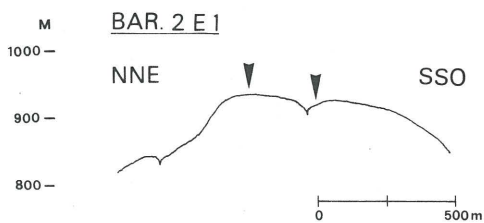
1 — Perfil longitudinal do Planalto, com a localização da Portela da Anta.



2 — Perfil Norte-Sul do Planalto, localizando-se os monumentos 1 do Detrelo e da Portela da Anta.



Perfis topográficos com a localização dos monumentos 2 e 1 do Detrelo; 1 e 2 de Monte Calvo e Laceras; Cando; Devesa 2 e 1.



Perfis topográficos com a localização dos monumentos 2 e 1 da Barraca; 1 e 2 da Cumeeira; Portela da Anta e Braceiro.



1 — Mamoa da Portela da Anta (vista de SE).



2 — Mamoa 1 de Monte Calvo (vista de OSO).



1 — Mamoa 1 da Cumeeira (vista de E.)



2 — *Tumulus* do Braceiro (visto de NO).